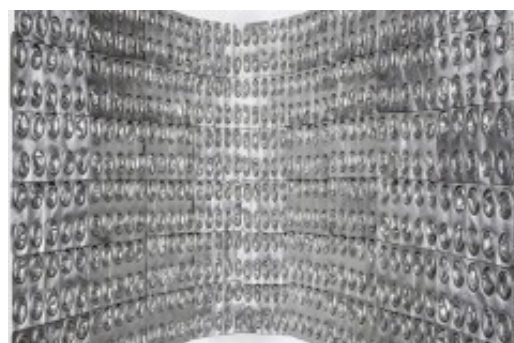


12/05/2017 - 05:00

## Doença da alma

Por **Tatiana Salem Levy**

Quem tem Instagram sabe que basta fazer rolar a tela do telefone para assistir a um verdadeiro espetáculo de alegria. Estamos sempre felizes e em lugares paradisíacos. Ninguém se lembra, é claro, de postar imagens de tristeza, angústia, fracasso. Desse fato advém um fenômeno curioso: embora a gente saiba, por experiência própria, que as fotos não correspondem necessariamente à realidade, acreditamos piamente no que vemos. E assim, enquanto sofremos com as dificuldades do trabalho, as falhas de um casamento, a ausência de um amor, a falta de dinheiro ou com os problemas do filho, acreditamos que os outros estão sempre em férias - na Bahia, nas Filipinas, na Tailândia ou em Paris -, que a paixão dos outros é eterna e seus filhos são os mais criativos e sorridentes do mundo. Mesmo sabendo que também somos os outros quando postamos fotos felizes, nos vemos invadidos pela sensação de que a felicidade redonda e perfeita existe, mas não ao nosso lado.



Se é difícil para nós, adultos e informados, discernir as imagens que circulam nas redes sociais da realidade, imaginem para os jovens que crescem neste mundo e aos dez anos já têm smartphone e conta no Instagram. Fico pensando no que é se tornar adolescente hoje, no contraste entre as fotografias dos amigos sempre enturmados, bonitos, bem resolvidos, e nos dramas hormonais, existências, que cada um tem que esconder a qualquer custo. O corpo se transformando, se deformando, as angústias surgindo, os hormônios chegando em forma de estranheza e o mundo lá fora intocado, belo, sereno, perfeito. Não me admira nada que a depressão surja mais cedo.

Já dizia Michel Foucault que cada época produz as suas próprias doenças. Estamos certamente formando algumas. Novos tipos de depressão, causados não só pela imagem de felicidade ideal, inalcançável, mas também pelo desemprego, pela instabilidade, pelas incertezas que o novo mundo nos coloca. Pelo contraste entre as duas coisas. Motivada pela obrigação de felicidade que a sociedade contemporânea nos impõe - e pela sua inviabilidade -, resolvi saber mais sobre diferentes contextos e entendimentos da tristeza d'alma no livro "A Tinta da Melancolia: Uma História Cultural da Tristeza" (Companhia das Letras), de Jean Starobinski.

Formado em medicina e letras, Starobinski procurou, ao longo das décadas, misturar os dois saberes. Nesse livro, que reúne textos de épocas distintas, ele faz um percurso pela história da melancolia como doença e também pela sua representação na literatura, na música e nas artes plásticas.

A melancolia nem sempre foi considerada uma doença. Construir a sua história é, antes de mais nada, construir uma história da palavra. Foi preciso, primeiro, que o sentimento ganhasse um nome. Então, a inscrição nesse nome teve consequências relevantes. Por um lado, a transformação em palavra constitui o início de uma reflexão. Por outro, a palavra "contribui para fixar, propagar, generalizar a experiência afetiva de que é o indício". Lá Rochefoucauld dizia: "Há pessoas que jamais teriam se apaixonado se não tivessem ouvido falar do amor". Da mesma forma, há pessoas que nunca sofreriam de melancolia se não conhecessem esse nome.

"A história dos sentimentos não pode ser nada além da história das palavras em que a emoção se enunciou", afirma Starobinski. Enquanto a linguagem médica não comporta nenhum vocábulo que possa designar um distúrbio, a sua existência é nula. A doença só existe a partir do momento em que ganha um nome. Isso significa também que, ao longo da história, a doença foi se modificando, conforme a própria palavra ganhava aceções diferentes. Os estados designados pelo nome de melancolia nem sempre foram os mesmos.

Dizer que cada época produz as suas doenças é dizer que as doenças humanas não são puras moléstias naturais. O paciente sofre de um mal, mas também o constrói, ou o recebe de seu meio. A doença é, assim, um fato cultural. A persistência da palavra "melancolia", conservada pela linguagem médica desde o século V a.C., demonstra apenas uma preferência verbal. Em realidade, recorreremos a um mesmo vocábulo para designar fenômenos diversos. "Por trás da continuidade da melancolia, os fatos indicados variam consideravelmente", ressalta Starobinski.

Começamos, então, pelos mestres antigos. No canto VI da "Ilíada" (versos 200-3), Homero descreve a dor do melancólico Belerofonte, que sofre de forma inexplicável a cólera dos deuses:

Objeto de ódio para os deuses,

Ele vagava só na planície de Aleia,

O coração devorado de tristeza, evitando os vestígios dos homens.

Uma cólera misteriosa afasta Belerofonte dos caminhos trilhados pelos homens, isolando-o. Para se liberar da melancolia, o único recurso é esperar ou se conciliar com o retorno da benevolência divina.

No entanto, se a melancolia significa um abandono dos deuses, inevitável pelo desejo humano, ela também é tratável com o uso de remédios. Homero é o primeiro a evocar a potência do medicamento, do "phármakon". A desgraça diante dos deuses pode ser apaziguada com remédios, uma técnica humana baseada na escolha de certas ervas, na sua mistura e decantação. Como afirma Starobinski, "a tristeza de Belerofonte se origina no Conselho dos Deuses; mas os armários de Helena contêm o remédio".

São também os gregos que identificam a melancolia com a bile negra, a substância grossa, corrosiva, tenebrosa, que faz o temor e a tristeza persistirem por longo tempo. Junto com o sangue, a bile amarela e a pituíta, a bile negra consiste num humor natural do corpo. E, assim como os outros humores, pode se deslocar para fora do seu centro natural e se inflamar, se corromper. Desse processo advirão várias doenças: epilepsia, loucura furiosa (mania), tristeza, lesões cutâneas, entre outras.

A bile é negra porque aponta para um aspecto sinistro, noturno, amargo. Seu tratamento consiste numa prática revulsiva e evacuadora para eliminar o mal. São inúmeras as práticas para expurgar o excesso de bile negra, o emprego de purgantes para restaurar o corpo. No Renascimento, havia uma quase unanimidade sobre os três tipos

de medicamentos a serem aplicados: "os evacuativos, que expulsam o humor corrompido; os alterativos, que diluem, suavizam, umedecem os depósitos de bile negra; os confortativos, cujas virtudes roborativas e cordiais devolvem ao paciente o vigor e a alegria".

Durante séculos, embora se levasse em conta o aspecto psicológico de seu mal (muitas vezes foram receitados música, teatro e viagem para a cura do paciente), a melancolia foi tratada como uma doença do corpo, tendo sua origem localizada na bile negra. Seu tratamento pressupunha uma "clarificação" do organismo, a retirada do excesso de escuridão. A alimentação, por exemplo, excluía carnes vermelhas e legumes escuros, priorizando tudo o que fosse claro.

Segundo Starobinski, a longa duração da teoria da bile negra não se deve apenas à inércia escolar. Ela é "a condensação metafórica da experiência direta que podemos fazer da melancolia e do homem melancólico". Foi preciso que a ciência se armasse de métodos anatômicos e químicos bastante precisos para demonstrar que a bile negra era uma visão do espírito. E, mesmo assim, até hoje existe uma pertinência simbólica e expressiva da imagem da bile negra. Não abandonamos completamente essa maneira de encarar a melancolia. Dizemos que um melancólico tem a mímica apagada, a motricidade pegajosa e as ideias negras.

É no século XVIII que a interpretação humoral da melancolia começa a ser substituída pela concepção nervosa. Prevalence a definição de que melancolia é uma doença do ser sensível. Com Pinel e Esquirol, ganha força a medicina moral, que procura no coração as primeiras causas do mal. Aos olhos de ambos, o melancólico é vítima de uma ideia que ele próprio formou. "Expulse, destrua, dissolva, consiga explodir essa ideia dominante, e a doença desaparecerá junto com ela".

No fim do século XIX, Kraepelin dirá que não há tratamento causal da psicose maníaco-depressiva. Há mil meios, mas nenhum tratamento infalível. Deixa-se de acreditar na transformação absoluta do paciente. O velho sonho de uma intervenção milagrosa é banido, dando lugar a uma multiplicidade de intervenções adjuvantes.

No século XX, veio a psicanálise, que dividiu em categorias distintas o que antes era entendido como melancolia. Depois, vieram os antidepressivos, fármacos que ganharam cada vez mais espaço na sociedade. Eu já ouvi explicações inteiramente químicas sobre a depressão, separando o corpo das emoções - talvez mais do que na Idade Média. Vejo novos nomes surgindo com frequência nessa área. Novas doenças. Nós as criamos e nós as recebemos. A obrigação de felicidade de que falei no início deste texto certamente fará muitos "melancólicos". "Você pode escapar de uma época, mas não de todas as épocas", sentencia o narrador de "O Tribunal da Quinta-Feira", de Michel Laub. Mas fico me perguntando se não conseguimos dar só uma escapadinha?

**Tatiana Salem Levy, doutora em letras e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente**

**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**